



O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM SERGIPE (1961 – 1970)

Bianca Sthephanny Martins Gomes
Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)
Endereço eletrônico: b.martinsgomess@gmail.com

Cristiano Ferronato
Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)
Endereço eletrônico: cristiano_jesus@unit.br

2214

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é derivado de uma pesquisa de Mestrado denominada *Os Processos Socioeducacionais do MEB na Rádio Cultura de Sergipe: 1959 – 1970*, defendido por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e através de bolsa do Programa de Apoio Institucional à Pós-Graduação Stricto Sensu (PROCAPS/UNIT) ambos pela Universidade Tiradentes em Aracaju/SE.

Portanto, além de propalar a pesquisa de dissertação, este trabalho tem como objetivo salientar a importância do Movimento de Educação de Base para a História da Educação de Sergipe e do Nordeste.

A metodologia desta pesquisa é caracterizada como bibliográfica e documental, tendo como principal base os jornais de Sergipe, disponibilizados em acervo *online*, e documentos do Movimento de Educação do acervo de Centro de Memória Viva do MEB/Goiás. Bem como análise dos documentos levantados juntamente com o conceito de Educação Popular.

Ao final de 1950, Sergipe possuía uma média de 850.000 cidadãos, onde 70% não sabiam ler e escrever e durante esse período não haviam escolas para alfabetização de jovens e adultos (A Cruzada). Por esse motivo, eram mantidas às margens das decisões sociais e não podiam exercer a democracia por serem iletradas.

Nesse período, a Igreja Católica estava passando por mudanças internas – por vezes não sendo bem vistas por outros bispos e padres –, visto que buscavam trazer mais fiéis e precisavam se adaptar a mudanças que eram passadas pela sociedade na época. Uma das formas de alcançar esses objetivos foi por meio da alfabetização das pessoas marginalizadas, como forma de também ampliar a base eleitoral.



Sendo que a maior parte dos sergipanos não sabia ler e escrever, e a busca de pessoas para compor o corpo religioso, uma das soluções da Igreja Católica foi a atuação na área de alfabetização de jovens e adultos. Por isso, Dom José Vicente Távora, Arcebispo de Aracaju criou as escolas radiofônicas, tendo como base a experiência iniciada no Rio Grande do Norte pelo Dom Eugênio Sales e que tiveram como origem práticas criadas na Colômbia. As escolas radiofônicas da Colômbia foram criadas pelo Padre Joaquín Salcedo em 1948 por meio da Rádio Sutanenza (BARROS, 2014).

Destarte houve a criação da Rádio Cultura de Sergipe em 1959, o objetivo desta era alfabetizar e evangelizar, catequizando os alunos que faziam parte das escolas radiofônicas ao mesmo momento em que eram alfabetizadas.

Com as rádios aumentando o contingente de ouvintes e o rádio se tornando um dos principais meios de comunicação, os participantes das escolas radiofônicas passaram a ver a necessidade de ampliação das aulas para o território nacional. Assim, D. Távora levou o projeto de uma educação via rádio que alcance pessoas de todo Brasil à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 1961, o Movimento de Educação de Base (MEB) foi criado em parceria entre a CNBB e Governo Federal.

Dessa forma, o Movimento de Educação de Base pode ser dividido em duas etapas: a primeira do ano de criação, 1961, com abertura de escolas e fase de transição das escolas radiofônicas do Sistema Rádio-Educativo de Sergipe. É nessa primeira fase que também se destacam as ideias de Paulo Freire e Educação Popular. A segunda fase conta-se no período pós 1964 e as adaptações que o MEB teve que sofrer após o Golpe Militar de 64.

DESENVOLVIMENTO

A primeira fase do MEB foi iniciada junto com a criação do Movimento de Educação de Base. Esse foi o período de transição das escolas radiofônicas para as escolas do MEB, utilizando a mesma base da Rádio e materiais; é o momento em que o universo vocabular dos alunos passou a ser investigado para inclusão e contextualização nas aulas. As principais áreas de atuação eram Norte, Nordeste e parte do Centro-Oeste.

Essa primeira etapa ainda estava ligada à Igreja Católica e buscava evangelizar os alunos ao mesmo tempo que os alfabetizava, através de programas após o horário de transmissão das aulas.



O ciclo de 1962 a 1963 representa o momento de ruptura ideológica do MEB com a Igreja Católica, onde o primeiro assume características mais progressistas, adaptando-se às novas necessidades dos alunos, trabalhando ativamente na dialogicidade do Movimento como forma de debater, junto aos alfabetizados, meios de solucionar problemas recorrentes na sociedade.

Nesses anos, a Educação Popular (E.P.) passou a ser uma das principais bases das escolas do MEB, visto que a E.P. é fundamentada na Cultura Popular, ou seja, a cultura do povo, formada pelo povo e para o povo, como afirma Fávero (1983):

A cultura popular não se confunde com nenhuma das manifestações da chamada cultura-para-trabalhadores. Ela não se confunde com arengas e pregações que visam mostrar aos trabalhadores tudo o que estão cansados de saber. Isso não lhe acontece porque ela se funda no interesse real do trabalhador em adquirir a cultura capaz e elevar o seu nível de compreensão dos fatos sociais e que lhe permita ver para além das aparências o que realmente se passa com as estruturas da sociedade. (FÁVERO, 1983).

A Cultura Popular não tem como objetivo a substituição de uma cultura por outra, mas fazer com que pessoas que por muito tempo foram excluídas e marginalizadas sejam capazes de se reconhecer na cultura que está sendo formada ao seu redor. Esse reconhecimento de si mesmo acarreta pelo reconhecimento no outro e na reconhecimento de que os trabalhadores, o povo, tem o poder de ação e mudança na sociedade.

São nessas ideias que Freire (1987) caracteriza a construção da Pedagogia do Oprimido, é a educação para a plena expressão da liberdade que constitui o povo que tiveram suas culturas reprimidas e substituídas um contínuo espaço de tempo. A cultura popular é essa “saída” de um estado de opressão para um processo de consciência que vem através da educação formada através do contato e diálogo com os oprimidos.

Os anos de 1962 a 1964 podem ser considerados o auge do MEB, pela quantidade de escolas que foram abertas e por ser a época de politização dos alunos. No quadro abaixo, é possível observar a quantidade de escolas do Movimento

Quantidade de escolas do Movimento de Educação de Base (1961 – 1963)

Ano	Nº de núcleos	Nº de alunos
1961	2.683	38.734
1962	5.598	108.571
1963	5.573	111.066

MEB (1968, p. 5) – Relatório sobre situação do MEB



Contudo, 1964, com o Golpe Militar, trouxe a perseguição e prisão de muitos voluntários e trabalhadores envolvidos com o Movimento de Educação de Base. Um dos maiores problemas, todavia, era dificuldade financeira enfrentada pelo MEB, pois o repasse de dinheiro do Governo Federal para a Coordenação do MEB Nacional era menor do que esperado.

O trabalho das Escolas Radiofônicas sofreu, durante este ano, decréscimo numérico em virtude do fechamento de vários Sistemas. Mais uma vez, coloca-se o problema financeiro que o Movimento enfrenta nestes últimos anos. A falta de verba traz como consequência imediata a ausência de supervisões, treinamentos, reuniões, etc. a ausência destes instrumentos de acompanhamento do trabalho provoca o decréscimo numérico das escolas. (MEB, 1966, p. 15)

Entretanto, esses não foram os únicos impedimentos, já que em 1963 o horário do Programa *Voz do Brasil* foi alterado, levando algumas escolas a modificar ou até mesmo diminuir os horários das aulas, ocasionando na evasão de milhares de alunos que não poderiam estar presentes nos novos horários.

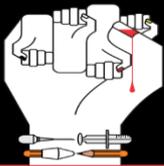
Então os fatores expostos anteriormente – falta de repasse de verbas, mudança de horários, perseguição aos envolvidos com o Movimento, voluntários e alunos deixando o MEB – ocasionaram no fechamento de diversos sistemas no Brasil. Durante 1966 e 1967, os maiores sistemas, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás e Maranhão fecharam.

Como forma de evitar o fechamento de outros locais e a perseguição de mais voluntários, o MEB precisou seguir novos caminhos ideológicos. Por isso houve a criação da Cartilha Mutirão com um envolvimento maior dos bispos, aprovando e alterando trechos, tendo um caráter menos politizador e condizia com o período enfrentado pelo Movimento que já vinha voltando as raízes de evangelização desde por volta de 1965.

CONCLUSÕES

Tendo em vista os fatores expostos anteriormente, pode-se concluir de que o Movimento de Educação de Base com as aulas transmitidas através da Rádio Cultura, alfabetizaram e deu oportunidade a milhares de sergipanos finalizarem seus estudos.

No ano inicial do MEB, 1961, houveram 5.093 (cinco mil e noventa e três) alunos concluintes e 12.605 (doze mil seiscentos e cinco) alunos em 1962. Durante o ápice em 1963, o Movimento conseguiu formar 13.386 estudantes, diminuindo



bruscamente para 5.759 (cinco mil setecentos e cinquenta e nove) alunos em 1964. Em 1965 esse número aumentou um pouco, 6.136 (seis mil cento e trinta e seis) concluintes. O período posterior a esse foi ainda pior, com reduções abruptas. Em suma, esses números se dão pelas incertezas e aflição que o sistema que estava sendo instaurado passava. (MEB, 1972).

Os problemas enfrentados não impediram que o Movimento de Educação de Base alcançasse reconhecimento internacional. Em setembro de 1968, o MEB recebeu o Prêmio Mohammad Reza durante o Simpósio Internacional para a Alfabetização de Adultos que ocorreu em Persepolis, Irã. A submissão da candidatura foi feita pelo Governo Federal e o Movimento conseguiu vencer outros 49 candidatos à premiação.

Após 1966, o MEB passou a prestar assessoria para o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Aos poucos a transição do MEB para o MOBRAL começou, com alguns serviços sendo prestados e materiais sendo doados. Criado em 1968, o MOBRAL apresentava a nova ideologia do governo, ou uma educação “sem ideologia”, como ressaltado pelo mesmo. O MOBRAL era apresentado como movimento de alfabetização de adultos, focando na transmissão de valores para seus alunos.

A base principal do Projeto Minerva via Rádio (PMR) veio do Movimento de Educação de Base, e tinha como objetivo solucionar os problemas de educação brasileiro utilizando o rádio e televisão. Foi criado em 1970 e atingiu todo território nacional com as aulas, diferente dos outros movimentos educacionais via rádio.

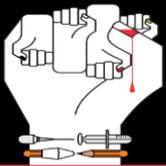
O MEB também usufruiu e disseminou a Cultura Popular num período de inconsistência política e econômica do Brasil, onde foi possível ampliar a base eleitoral e desenvolver a criticidade de milhares de pessoas que aprenderam a questionar e lutar por sua liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação. Educação Popular. Rádio Cultura.

REFERÊNCIAS

BARROS, Francisca Argentina Gois. **Movimento de Educação de Base: o MEB em Sergipe (1961-1964)** / São Cristóvão: Editora UFS, 2014. 300 p.

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

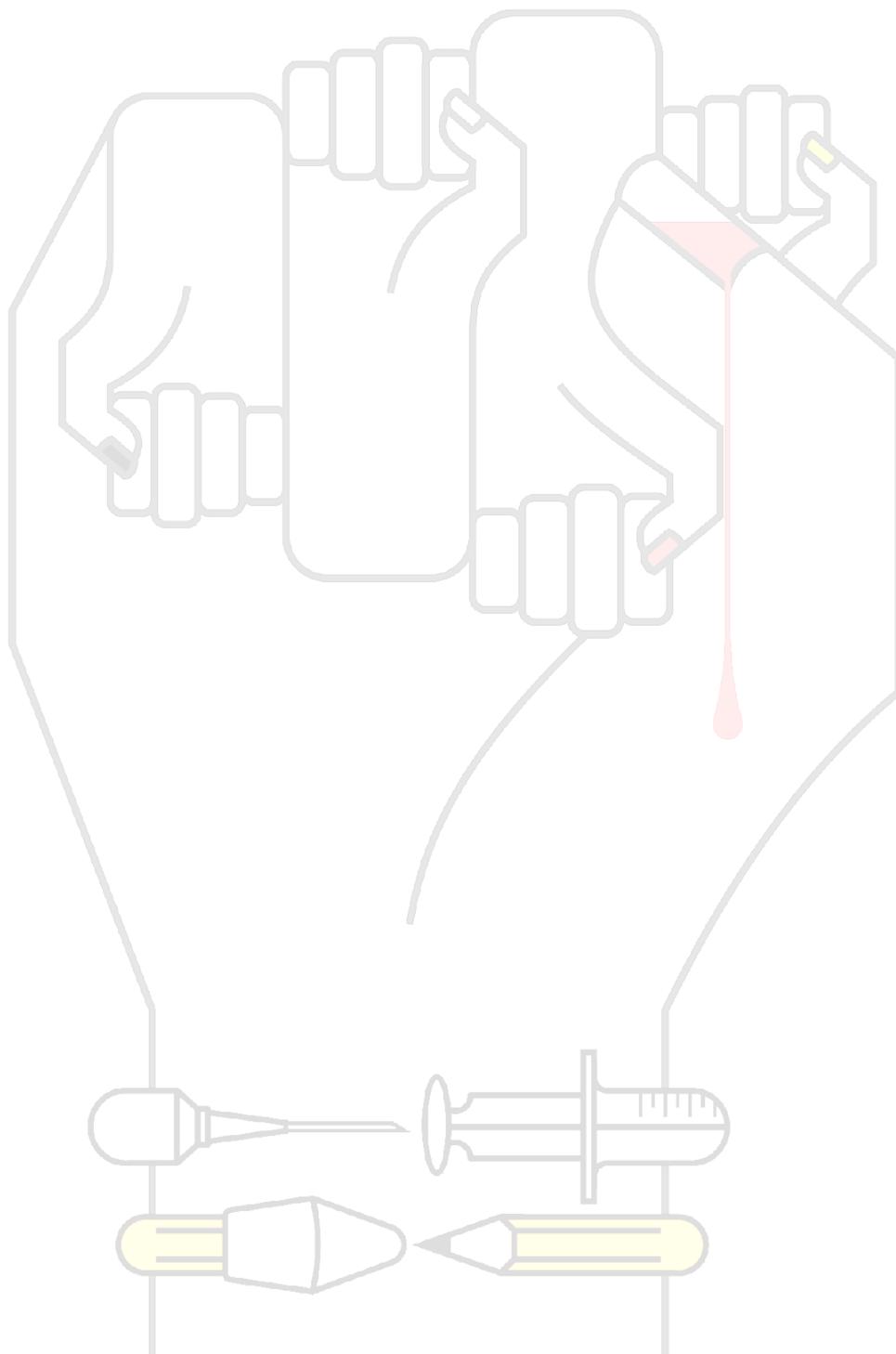


FREIRE, Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

Movimento de Educação de Base. **Quadro de resumo dos objetivos gerais do MEB**. S/l; s/d, 6p. Fundo do MEB. Acervo CEDIC.

NASCIMENTO, Acácio Figueredo. **Fundamentos Histórico Educacionais Do Movimento De Educação De Base (Meb) E Do Movimento De Cultura Popular (Mcp) Em Sergipe, No Período De 1958 A 1964**. Curso de Doutorado em Educação, Universidade Tiradentes, Aracaju, 2020.

2219



Realização:



Apoio:

